

DO EXPURGO AO PAJUBÁ: PROJETO INTERDISCIPLINAR SOBRE REJEIÇÃO, ACOLHIMENTO, FAMÍLIA E QUESTÃO DE FÉ

Anderson Kleyton Andrade ¹

Bruna Farias da Silva ²

Diego Henrique de Oliveira ³

Douglas Rafael de Arruda Rodrigues ⁴

RESUMO

Esse trabalho pretende problematizar a forma como acontece a vida escolar do aluno que tem alguma orientação sexual ou identidade de gênero que destoe da orientação heterossexual e identidade de gênero Cis. Nas escolas, podemos apontar a falta de representatividade sem personagens não héteros, ou não Cis, nos livros utilizados nas salas de aula, bem como a falta de romances e expressão de gênero que fuja da heteronormativa. Desta forma, percebemos que a sociedade, na forma da educação tem agido politicamente com fim de formar os alunos silenciando e inviabilizando qualquer forma que fuja a esse padrão, fugindo da proposta de inclusão da educação que deveria ser tomada como princípio em qualquer proposta que se apresente na sala de aula. Assim sendo, compreendemos que a escola é, muitas vezes, o lugar que acontece as primeiras experiências de opressões e/ou exclusões, perpetradas entre os alunos, e sob a falta de intervenção eficiente de gestores e professores, transforma esses espaços em ambientes tóxicos a essa população que não heterossexual ou Cis, que pode contribuir em evasão escolar, e falta de conclusão das etapas formais de educação de uma grande parte da sociedade. Esse estudo pretende servir de base a uma prática mais inclusiva, de modo a tencionar o debate da importância de incluir a sexualidade nas escolhas de toda atividade escolar, afim de articular uma proposta eficiente. Viemos por meio desse trabalho de natureza qualitativa apresentar que trabalhar essas situações apontadas acima em sala de aula, pode ser feito a partir da proposta interdisciplinar de apresentar o Dialeto PAJUBÁ, originado no momento histórico brasileiro da ditadura militar, envolvendo a violência que acontecia contra o público LGBTQIA+ da época, que achava abrigo nos centros de candomblé e umbanda.

Palavras-chave: Pajubá, Educação, Diversidade, Inclusão, Fé.

INTRODUÇÃO

Todos os encontros culturais pelos quais o Brasil passou, desde a invasão de 1500, foram criando cicatrizes na nossa sociedade. Avançando para o período do regime militar pós-golpe de 1964, ocorreu que grupos de policiais agiram com violência contra pessoas com sexualidades discordantes do considerado normal para o regime, e encontraram nas casas de culto africano,

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, Anderson.aka@ufpe.br;

² Graduando do Curso Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, bruna.farias@ufpe.br;

³ Graduando do Curso Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, psidiegohenrique2@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, douglas.arruda@ufpe.br.

acolhida e local para performar família e sexualidade em liberdade. E assim como aconteceu na formação do Brasil e foi criada a língua portuguesa do Brasil, esse encontro cultural entre as pessoas dos cultos afro-americanos e as pessoas de sexualidade discordantes deu origem ao dialeto Pajubá. Esse dialeto se apropriou de palavras do dialeto Iorubá e Nagô, além de outros dialetos herdados de tribos africanas, utilizadas nos terreiros, e formulou uma maneira de se comunicar sem os algozes entenderem as mensagens.

Também chamada de bajubá (com “b” ao invés de “p”) a linguagem pode ser definida como o “repertório vocabular e performativo de certa parcela da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais. explicou à SUPER Carlos Henrique Lucas Lima, professor da UFOB (Universidade Federal do Oeste da Bahia) e autor do livro “Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade. (ELER, 2018)

Nós somos invadidos pela linguagem desde o nascimento, e toda linguagem, incorpora não só a língua, mas comportamentos, costumes, tradições. Como é visto no trecho a seguir:

De acordo com Lima, mais do que criar termos que se aproximem de gírias no português, o pajubá reúne também características linguísticas próprias. Isso aparece, por exemplo, na fala. “Há todo um movimento performático do corpo, a tonalidade das palavras e o contexto cultural em que aparecem”, comenta. “Irene”, o mesmo que velho ou velha, por exemplo, costuma ser pronunciado “ireeeeeeeene”, como se fosse um berro. (ELER, 2018).

Pretendemos trabalhar nesse texto, como se deu as marcas que marcaram a criação do Pajubá, como símbolo de resistência originado do encontro de acolhimento que pessoas transexuais e travestis tiveram nos terreiros de candomblé.

Tendo o início dos seus usos ou o seu surgimento nas décadas de 1960 e 1970 entre as travestis que frequentavam os terreiros de candomblés, o pajubá (ou ainda bajubá em algumas variantes regionais). (JUNIOR, 2021, p. 307).

Os fatos que justificam esse tema foi inicialmente o grande debate que se originou com a questão do Enem de 2018, sobre o tema, e a onda de artistas Transexuais e Travestis, como Gloria Groove, Lineker entre outras, que fazem sucesso e, nas suas músicas fazem referência ao Pajubá nas letras quando acrescentam palavras do dialeto, comportamentos e mesmo nomeando o Álbum de estreia como fez cantora como fez Lina da Quebrada.

O artigo “O Pajubá como tecnologia linguística na constituição de identidades e resistências de travestis” resume bem a nossa ideia sobre o modo como pensamos apresentar esse dialeto.

Pretende ser uma aproximação teórica da discussão acerca do Pajubá enquanto uma tecnologia linguística elaborada e utilizada por travestis e mulheres transexuais nos



seus processos de relação e embate com a sociedade patriarcal e heteronormatividade na qual estamos todos/as inseridos/as, uma linguagem que perpassa a formação de suas identidades e resistências. (JUNIOR, 2021, p. 301)

A criação do dialeto supracitado tem semelhança com a criação da capoeira, visto que os escravos enquanto treinavam suas lutas, chamavam de dança, ou seja, um processo de resistência contra o regime opressor a qual estavam vivendo, a partir de uma produção cultural.

Nas salas de aula, o Pajubá pode ser utilizado enquanto ferramenta temática. Pode ser um dispositivo que permeia discussões e debates sobre os temas transversais que o atravessa enquanto marcadores temporais, sociais e linguísticos. Como é supracitado, foi criado pelo encontro cultural dos travestis e os terreiros de candomblé, encontro da língua portuguesa do Brasil com os dialetos iorubá, Nagô e outras vertentes de matrizes africanas, tem-se o marcador sócio-político e temporal, que é o Brasil dos anos 60, no regime militar ditatorial.

Esse trabalho apresenta uma forma de levar as salas de aula, a discussão que permita aos estudantes enxergar que nossa Língua é uma produção realizada a partir de conflitos que se deram na chegada dos portugueses ao Brasil, e na chegada e permanência dos povos africanos trazidos para serem escravos; mas não só assim acontece a produção linguística, pois apresentamos como se deu a construção do dialeto Pajubá, como formação linguística de resistência e de encontro entre a expressão da fé do candomblé e o acolhimento que as pessoas LGBTQIA+ receberam nos terreiros dessa religião.

Podemos entender que é pertinente ao trabalhar a seguinte habilidade da BNCC:

Habilidade: (EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes. (BNCC, 2018, p. 411)

Entendemos que a escola também possui função social, e deve intervir na base da sociedade, na forma da educação, pois os inúmeros casos de homofobia e transfobia ainda são alarmantes, mesmo depois da criminalização, assim como o racismo. E que o Brasil, ainda cultiva uma cultura de ódio aos diferentes que não sejam pessoas héteros, ou cisgêneros. De modo que isso é reproduzido no seio de muitas famílias e na reprodução da educação quando assumem o modelo do corpo masculino, branco, hétero e de classe econômica dominante.

Por isso, esse trabalho pretende problematizar a forma como acontece a vida escolar do aluno que tem alguma orientação sexual ou identidade de gênero que destoe da orientação heterossexual e identidade de gênero Cis. Nas escolas, podemos apontar a falta de

representatividade sem personagens não héteros, ou não Cis, nos livros utilizados nas salas de aula, bem como a falta de romances e expressão de gênero que fuja da heteronormativa.

Desta forma, percebemos que a sociedade, na forma da educação tem agido politicamente com fim de formar os alunos silenciando e inviabilizando qualquer forma que fuja a esse padrão, fugindo da proposta de inclusão da educação que deveria ser tomada como princípio em qualquer proposta que se apresente na sala de aula.

Assim sendo, compreendemos que a escola é, muitas vezes, o lugar que acontece as primeiras experiências de opressões e/ou exclusões, perpetradas entre os alunos, e sob a falta de intervenção eficiente de gestores e professores, transforma esses espaços em ambientes tóxicos a essa população que não heterossexual ou Cis, que pode contribuir em evasão escolar, e falta de conclusão das etapas formais de educação de uma grande parte da sociedade.

Logo, esse estudo pretende servir de base a uma prática mais inclusiva, de modo a tencionar o debate da importância de incluir a sexualidade nas escolhas de toda atividade escolar, a fim de articular uma proposta eficiente. Viemos por meio desse trabalho de natureza qualitativa apresentar que trabalhar essas situações apontadas acima em sala de aula, pode ser feito a partir da proposta interdisciplinar de apresentar o Dialeto PAJUBÁ, originado no momento histórico brasileiro da ditadura militar, envolvendo a violência que acontecia contra o público LGBTQIA+ da época, que achava abrigo nos centros de candomblé e umbanda.

Concordamos com Nobre e Sulzart (2018) quando afirma: “A escola [...] tem em suas mãos o poder de intervenção pelos mecanismos da educação, consolidar as relações sociais de acordo com os padrões exigidos pela sociedade”. Pensamos que o papel social da escola também deve contemplar em seu projeto o desenvolvimento do pensamento crítico dos seus estudantes também pra essa situação da realidade do país. E por meio desse trabalho, viemos demonstrar uma forma de trabalhar os componentes curriculares da BNCC sem deixar de lado o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. Para isso, apresentamos o projeto interdisciplinar temático PAJUBÁ, EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE, INCLUSÃO, ACOLHIMENTO E FÉ. Como resultado, espera-se que o estudante seja capaz de aprender sobre como a presença dos diferentes grupos sociais influenciaram os aspectos presentes até os dias de hoje.

Sendo assim, a presente proposta pedagógica objetiva compartilhar uma experiência pedagógica interdisciplinar que relaciona componentes curriculares da BNCC com um estudo sobre o tema: O dialeto Pajubá. Além de estruturar um planejamento de aula que prioriza um tema de inclusão, a contribuição para um entendimento global dos estudantes sobre forças sociais que constitui a realidade social dos grupos marginalizados e permitir que os estudantes



criem estratégias próprias e autônomas para construção de seus conhecimentos sobre a estrutura linguística, suas bases, e origem.

METODOLOGIA

A proposta deste trabalho é apresentação do Dialeto Pajubá, como Tema de um Projeto Interdisciplinar que abarque os conteúdos próprios de cada etapa do ensino, incluindo a eles temas transversais como respeito às diferenças,

O projeto interdisciplinar pode ser realizado a partir de um tema que desperte discussões, debates e que proporcione uma visão global e integrada do tema, pautado pelos princípios de conflitos e contradições, como pode ser visto no trecho abaixo.

THIESEN (2008) referiu que a proposta interdisciplinar, [...] funda-se no processo ensino-aprendizagem no caráter dialético da realidade social, pautada pelo princípio dos conflitos e das contradições, movimentos complexos pelos quais a realidade pode ser percebida como una e diversa ao mesmo tempo, algo que nos impõe delimitar os objetos de estudo demarcando seus campos sem, contudo, fragmentá-los. (FRIGOTTO 1995, p. 26 apud THIESEN, 2008).

Integrado ao Pajubá, estão temas como: A produção linguística do encontro dos povos afro brasileiros, descendentes dos povos Ioruba e Nagô, com as pessoas trans e as pessoas não heterossexuais, na época da ditadura militar do Brasil, de 1964, ética, período da ditadura militar, diversidade sexual entre outros.

A partir desta proposta, o papel do educador ou educadora será de mediar o debate que se inicia com uma breve introdução do tema, segue-se as perguntas elaboradas pelos próprios estudantes ou pelo mediador ou mediadora. Anotadas as perguntas que não puderam ser respondidas, é solicitado que pesquisem sobre elas e, em outra aula, compartilhem com os colegas. Na outra aula, deverá ocorrer a apresentação das pesquisas, debates sobre os conteúdos encontrados e o educador, ou educadora deverá participar do debate de modo horizontal, para contribuir na produção do pensamento crítico e autônomo do estudante.

PLANO DE AULA

DISCIPLINA: História/Ética/Língua Portuguesa /Cidadania

DURAÇÃO: 2 horas e 25 Minutos (divididos em três momentos de 45 minutos, em 3 dias distintos).



TEMA: Discriminação e preconceito. Gênero e Sexualidade/ Opressão e processos de resistências.

OBJETIVO GERAL:

- Compartilhar uma experiência pedagógica interdisciplinar que relaciona componentes curriculares da BNCC com um estudo sobre o tema: O dialeto Pajubá.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Estruturar um planejamento de aula que priorizasse um tema de inclusão;
- Contribuir para um entendimento global dos estudantes sobre forças sociais que constitui a realidade social dos grupos marginalizados;
- Permitir que os estudantes criem estratégias próprias e autônomas para construção de seus conhecimentos sobre a estrutura linguística, suas bases, e origem.

CONTEÚDOS:

- Ditadura militar / Gênero e sexualidade / Discriminação e preconceitos / Formação de uma língua / Pajubá, religiões afro americanas e capoeira / Opressão e resistências / Diversidade e respeito das diferenças.

METODOLOGIA:

- **1º MOMENTO: Discriminação e preconceito. Gênero e sexualidade**

- Apresentação de um slide que continha as imagem em anexo, com o intuito de promover debates sobre sexualidade, gênero, discriminação, homofobia, machismo, violência sexual; além de expor que pessoas não heteros conquistam espaços em diversos setores da sociedade, arte, esportes, política...
- Execução do curta *Heartbeat*, depois seria feito o questionamento: “A partir deste curta, qual foi seu entendimento sobre sexualidade?”
- Execução do clipe da cantora Liniker, para avaliação do que eles tinham entendido por Gênero. Depois foram feitos questionamentos sobre o comportamento, vestimenta e voz e perguntado qual seria o gênero da cantora.

- **2º MOMENTO: Ditadura militar, opressão e resistência.**

- Foram apresentadas palavras do dialeto pajubá, e incentivamos para que os alunos tentassem adivinhar os significados. (**Abalou, Amapô, Ajé, Alibã/Alibam, Bofe, Babado, Aquê/acue**)
- Depois se prossegue apresentando a origem do dialeto Pajubá, a partir de texto impresso, e entregue aos mesmos.
- Introdução sobre o regime militar, contextualização e situação dos direitos civis, a partir de um texto resumido sobre o período, entregue aos estudantes.
- Breve Conceitualização de Opressão e Resistência.
- Por fim, pediu-se que eles, a partir do que foi lido da ditadura militar e dos dicionários, expressassem o que seriam os conceitos de ‘Opressão’ e ‘Resistência’.
- Ao final do segundo momento, foi solicitado que como atividade para casa eles pesquisassem as palavras chave: Discriminação, escravidão, homofobia e transfobia. E trouxessem as pesquisas na próxima aula.

- **3º MOMENTO: Processos históricos de discriminação, escravidão, transfobia.**

- A aula ocorreu por meio da apresentação das pesquisas realizadas, e debates sobre os conteúdos nelas.
- A seguir também se teve a apresentação do texto da lei da Homofobia, transfobia, e explicação do processo do fim da escravidão.

AVALIAÇÃO:

A avaliação se deu pelos debates tidos em sala sobre os assuntos apresentados, onde eles foram provocados a pensar gênero, sexualidade, opressão e processos de resistência.

RECURSOS TÉCNICO-METODOLÓGICOS:

- Projetor (*datashow*); Computador; Apresentação (*slide*); textos impressos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aula que foi ministrada foi realizada na escola Municipal Manoel Navarro, situada no Município de Paulista, Pernambuco; ao quinto ano. Local onde um dos autores deste artigo trabalha como estagiário de educação especial.

Na sala em questão, estavam tendo conflitos entre os estudantes apontados com palavras ofensivas por expressar sua sexualidade se diferenciando dos demais meninos. A professora titular da sala, percebendo os conflitos, percebeu a necessidade de trabalhar com eles na forma de não ser diretiva, nem focada no conflito que acontecia na sala, para não vitimizar mais a criança em questão. A partir desse ponto, foi visto a possibilidade de trabalhar o tema em questão, de forma não diretiva, e permitir que eles construíssem suas compreensões sobre o tema em si, e a trama de questões que perpassam por ele, como encontros culturais, e produção cultural.

A aula permitiu que os estudantes elaborassem suas conclusões sobre o processo do encontro cultural, entendendo que a nossa realidade social é permeada como um conjunto de forças de conflitos sociais que ou busca-se a invisibilidade das diferenças em nome da dominação de um grupo, ou pode ser feita pelo acolhimento e produção cultural de cooperação, acolhimento e respeito como aconteceu na ditadura militar de 64, entre os terreiros de candomblé, os povos descendentes dos Nagô e Ioruba, e as pessoas LGBTQIA+. Eles poderão ter uma elaboração dos conflitos que permitiram a construção do Brasil, e da língua portuguesa no Brasil. E a partir dessas elaborações, espera-se que os estudantes tenham construído um olhar crítico sobre as diferenças e possam ter mais clareza das suas responsabilidades sobre suas ações, e entendimento das relações sociais.

O conflito entre eles perdeu forças, e entraram num processo de colaboração, e mesmo que ainda tenha episódios de “chacota” homofóbica, eles tomam atitudes de chamar atenção do colega por entender as consequências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo não diretivo e com material lúdico proporciona aos estudantes a apropriação mais vívida do conteúdo trabalhado em sala, pois, será através da experiência deles que irão se apropriar e não do discurso do outro, vertical e impessoal. E por ser uma estrutura interdisciplinar, eles poderão verificar o tema proposto em sua totalidade, sem as barreiras disciplinares impostas pelo discurso da modernidade. Esse debate permite que o estudante possa



verificar as nuances da homofobia e transfobia, nas suas formas mais sutis às mais cruéis e agressivas. E permite que as escolas possam contribuir em seu papel social, na formação de cidadãos críticos e que respeitem as diferenças.

Só pela educação será possível superar problemas crônicos da sociedade brasileira, como a desigualdade de gênero, homofobia e outras formas de opressão. É na escola onde crianças e adolescentes constroem os primeiros aprendizados, fazem descobertas sobre a vida. Também lá, dentro dos portões escolares, é onde experienciam situações de preconceitos e violências.

Se a escola não estabelece um ambiente seguro, que integre e valorize as diferenças, ela afasta os alunos. Na nossa opinião a eliminação das desigualdades de gênero é determinante para a construção de uma sociedade inclusiva e equitativa. Todos os estudantes têm o direito de viver e aprender em um ambiente livre de discriminação e violência, estratégias de educação em sexualidade e o ensino de gênero nas escolas é fundamental para que homens e mulheres, meninos e meninas tenham os mesmos direitos, para prevenir e erradicar toda e qualquer forma de violência, em especial a violência de gênero.

Entender a diversidade sexual humana é importante na constituição de sujeito humano e deve ser trabalhada na escola como muitos outros temas, desconstruindo os tabus frente a ele por estar inserido na nossa história, na nossa língua, além de ser trabalhada a questão do respeito e convivência com as diferenças. Abarcar esse tema contextualizado com outros temas de outras disciplinas e mostrar o como ele atravessa todos indivíduos LGBTQIA+ ou não.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

ELER, Guilherme. O que é o pajubá, a linguagem criada pela comunidade LGBT. Revista Superinteressante, 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/o-que-e-o-pajuba-a-linguagem-criada-pela-comunidade-lgbt/>>. Acesso em 13 set. 2022

IN A HEARTBEAT - A Film by Beth David and Esteban Bravo. [S.l.: s.n], 2017, 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal The Ellen Show. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GgfvMHeOiqQ>. Acesso em: 13 set. 2022.

JUNIOR, João Gomes. O pajubá como tecnologia linguística na constituição de identidades e resistências de travestis. Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, v. 14, n.43, p. 300-314, jan./jun. 2021.

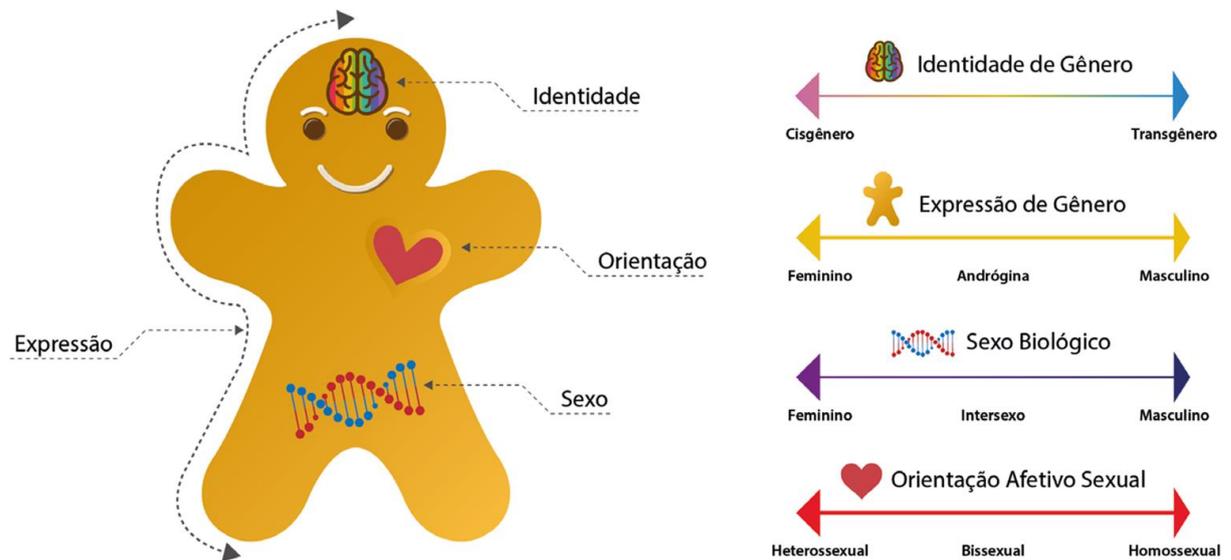
LINIKER - Fim de Festa (Itamar Assumpção) [FORA DA CAIXA]. [S.l.: s.n], 2016, 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Fora da Caixa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V3NslziwyoA>. Acesso em: 13 set. 2022.

NOBRE, Francisco Edileudo; SULZART, Silvano. O papel social da escola. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 08, Vol. 03, pp. 103-115, Agosto de 2018.

THIESEN, Juares da Silva. A interdisciplinaridade como movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 39, 2008.

ANEXOS

Figura 1: BISCOITO DE GÊNERO



Fonte: Guia da Diversidade LGBT: Saúde, atendimento e legislação (2019).

Figura 2: “É só uma piada”: Cuidado, você está colaborando com a violência sem saber!



Fonte: Almanaque SOS (2018)

Figura 3: Pessoas LGBTQIA+ que ocupam diversos lugares na sociedade



Fonte: De autoria própria